

## A CASA É NOSSA!

Tiago Bartolomeu Costa\*

Esta exposição é uma viagem que se completa com as memórias herdadas, vividas ou projetadas pelos visitantes. Quisemos que a história que contássemos sobre o lugar ocupado pelo Teatro Nacional D. Maria II pudesse ser confrontada com a percepção criada por uma instituição que, nos últimos 100 anos, passou por uma ditadura militar, por um regime fascista, por uma revolução, e que tem já 50 anos de democracia, mais dois do que os que durou a longa ditadura europeia.

Quisemos, ainda, pensar a instituição por dentro, na sua relação, provada e especulativa, com o contexto onde se inseriu, tanto através dos espetáculos ali apresentados, como no muito que foi feito em nome, e por causa, de ter no seu nome o termo nacional. Esta exposição, encomendada pelo Teatro Nacional D. Maria II e realizada em colaboração com o Museu Nacional do Teatro e da Dança e a Comissão para as Comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, teve um percurso pelo país inscrito no amplo programa Odisseia Nacional e, com a memória da sua presença em Águeda, Caldas da Rainha, Viseu, Ribeira Grande, Funchal, Évora, Sines, Faro, Amarante e Barcelos, e apresenta-se agora em Lisboa trazendo as marcas de uma relação com o país em nada linear. Procurámos distinguir o edifício da missão e, no espaço entre estas duas ideias, refletir sobre como pode um Teatro existir assente nessa dupla condição material e geográfica (o edifício), simbólica e imaterial (a disciplina).

A importância efetiva de a exposição decorrer enquanto o edifício entrou na mais ambiciosa transformação arquitetónica desde a sua reabertura em 1978, na sequência da destruição provocada pelo incêndio de 1964, revela-se na formulação trazida para o título: Quem és tu edifício e país; quem somos nós, criadores e públicos; o que é história e ficção?

A partir da mais célebre frase da dramaturgia portuguesa, na peça FREI LUÍS DE SOUSA, partimos para a evocação de momentos, acontecimentos e factos, propondo relações de contexto e interpretação que a ampliam e que sugerem uma reescrita dessa mesma história.

Organizada em oito salas e sem uma linearidade ou cronologia que extinga ou limite a experiência de observação e confronto, a exposição é um desafio à memória e ao saber, procurando criar e completar relações que decorram da experiência do visitante, interpelado a não esquecer a sua condição de cidadão.

Preocupou-nos o modo como, no relato da história, nos fixamos no que é visível e que, no caso do teatro, parte dos textos encenados. Na história do teatro em Portugal, temos por hábito acrescentar os textos que foram censurados até 1974, mas, em bom rigor, isso apenas nos fala do que se fez, e pouco nos diz das escolhas, das razões e das biografias sociais, políticas e éticas de quem fez a história do teatro e do Teatro Nacional D. Maria II. E essa deve sempre incluir o contexto de receção e de percepção desses mesmos, e dos outros, espetáculos, textos, biografias.

O convite que lançamos pede apenas a resposta da curiosidade, pois é a partir dela que podemos duvidar, projetar, confirmar e acrescentar saber partilhado. A história de um edifício, e de uma instituição, é também a história de como o defendemos, mesmo que nos possamos opor ao que representa. É a nossa história, herdada ou vivida, e que o teatro, enquanto disciplina, quer continuar a refletir.

\* Curador da exposição QUEM ÉS TU? UM TEATRO NACIONAL A OLHAR PARA O PAÍS



Amélia Rey Colaço (Florinda) em DULCINEIA OU A ÚLTIMA AVENTURA DE DOM QUIXOTE, de Carlos Selvaagem, com trajes de Almada Negreiros. Fotografia publicada na revista *Modas e Bordados* a 8 de março de 1944. Amélia Rey Colaço (Florinda) in DULCINEIA OU A ÚLTIMA AVENTURA DE DOM QUIXOTE, by Carlos Selvaagem, with costumes by Almada Negreiros. Photograph published in the magazine *Modas e Bordados*, March 8, 1944.

## OUR HOUSE!

Tiago Bartolomeu Costa\*

This exhibition is a journey that unfolds through the memories – whether inherited, experienced or imagined – of its visitors. Our goal was to contrast the story that could be told about the place occupied by Dona Maria II National Theatre and the impressions shaped by an institution which, over the past 100 years, has endured a military dictatorship, a fascist regime, a revolution, and now enjoys 50 years of democracy, surpassing the most enduring European dictatorship by two years.

We also aimed to reflect on the institution from the inside, considering its relationships – both established and hypothetical – with the context in which it was placed. This included the performances it hosted and the actions taken in its name, influenced by having “national” in its title.

Commissioned by Dona Maria II National Theatre and in collaboration with the Theatre and Dance National Museum and the of the April 25<sup>th</sup> Revolution exhibition toured the country as part of the broad National Odyssey programme, in dialogue with the memory of its presence in Águeda, Caldas da Rainha, Viseu, Ribeira Grande, Funchal, Évora, Sines, Faro, Amarante and Barcelos. It is currently in Lisbon displaying the marks of its complex relationship with the country. We aimed to distinguish between the building and the mission and, in the space between these concepts, reflect on how a Theatre can embody both a material and geographical presence (the building), and a symbolic and intangible essence (the discipline).

The importance of the exhibition taking place during the building’s most significant architectural renovation since its 1978 reopening, after the destruction caused by the 1964 fire, is reflected in the title: Who are you, building and country; who are we, creators and audiences; what is history and fiction?

Drawing on the most renowned line in Portuguese dramaturgy, from Almeida Garrett’s play FREI LUÍS DE SOUSA, we set out to invoke moments, events and facts, offering new contextual relationships and interpretations that expand and propose a rewriting of that very narrative.

The exhibition, spread throughout eight rooms, avoids a linear and chronological format that could stifle or limit the observational and confrontational experience. It challenges the memory and knowledge of its visitors, aiming to develop and complete relationships that derive from their personal experiences, while reminding them not to forget their roles as citizens.

We were concerned with focusing on what is visible when narrating history, which, in the case of theatre, is based on the performed plays. In the history of Portuguese theatre, it is common to add texts that were censored up to 1974. However, this only reveals what was done and offers little insight into the decisions, motivations, and social, political, and ethical backgrounds of those who shaped the history of theatre and the Dona Maria II National Theatre. It is crucial to also consider the context in which these performances, plays, and biographies were received and perceived.

The invitation we extend simply asks for the response of curiosity, for it is through curiosity that we can question, imagine, confirm and enhance shared knowledge. The history of a building and an institution is also the history of how we defend it, even if we oppose what it stands for. This history, whether inherited or experienced, is our own, and one that theatre, as a discipline, continuously seeks to represent.

\* Curator of the exhibition WHO ARE YOU? A NATIONAL THEATRE LOOKING AT THE COUNTRY